

A ontologia do olhar

Homilia no encontro Anual do “Comité Catholique International pour les Tsiganes”

1. Num dos seus contos exemplares, Sophia de Mello Breyner relata o momento em que, ao caminhar pelo centro da cidade, um homem, “cujo rosto estava inscrito a miséria e o abandono”, passa pelo meio da multidão. Contudo, “a multidão não parava de passar (...) e o homem estava sozinho. Rios de gente passavam sem o ver!”.¹

Partindo deste cenário, o evangelho de hoje, pelo contrário, relata-nos a história de um grupo de gregos, professantes da fé pagã, que tinham vindo de Jerusalém para “ver Jesus”, para comprovar a sua santidade e para encontrar a salvação.

Com base neste pedido, Jesus anuncia-lhe o novo foco da salvação para onde se deve centrar o nosso olhar: a **Cruz**. Será nela que “os antigos sacrifícios do templo ficaram definitivamente superados. Algo novo acontece.”² E será nela que Deus comprova o seu amor pleno pelo Homem, salvando-o. Assim proclamava o profeta Jeremias na primeira leitura: “Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo!”

Por isso, ao olharmos para a beleza da cruz de Cristo, na qual contemplamos a verdadeira identidade (ser) de Deus e do Homem (ontologia), ela obriga-nos a olhar para o outro que nos circunda. Em pleno encontro Anual do “Comité Catholique International pour les Tsiganes” (C.C.I.I), esta imposição ontológica impela assim o nosso olhar a deter-se agora nas pessoas de etnia cigana.

¹ Sophia de Mello Breyner, *Contos Exemplares*, 143.

² Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 188

2. Neste contexto, trago à memória aquelas palavras proferidas pelo Papa Paulo VI num encontro com os ciganos aquando uma peregrinação a Pomezia (Roménia) em 1965, das quais emergem alguns princípios para a nossa acção pastoral:

“Vós hoje, talvez como nunca, descobris a Igreja. Vós na Igreja não estais nas margens, mas, sob alguns aspetos, vós estais no centro. Vós estais no coração. Vós estais no coração da Igreja, porque estais sós: ninguém está só na Igreja; vós estais no coração da Igreja porque sois pobres e necessitados de assistência, de instrução, de ajuda; a Igreja ama os pobres, os que sofrem, os pequenos, os deserdados, os abandonados. É aqui, na Igreja que vós vos apercebeis de ser não só parceiros, colegas, amigos, mas irmãos; e não só entre vós e connosco, que hoje como irmãos vos acolhemos; mas, por um lado, aqueles cristãos, irmãos com todos os homens; e é aqui, na Igreja que vos sentis chamados filhos. Sim, filhos caríssimos, vós pertenceis a esta grande família de Deus...”

3. Os irmãos de etnia cigana, na verdade também pertencem a esta grande família de Deus! Perante esta certeza, importa que sejamos capazes de descortinar valores muito concretos numa cultura diferente, que a sociedade deveria harmonizar, através dum trabalho que proporcione convivência sadia sempre alicerçada na justiça e na paz.

Por seu turno, a Igreja deve trabalhar para que sejam superadas as discriminações e intolerâncias que, sempre no respeito pela justiça, podem violar o princípio da dignidade humana e impedir o seu crescimento verdadeiro. Com o acolhimento, mesmo difícil, poderemos reconhecer as riquezas que nos proporcionam.

Tudo isto é sinal duma responsabilidade e dum trabalho apostólico que exigem “operadores pastorais” minimamente habilitados, a que alguns apelidam de “missionários itinerantes”, pelo facto de irem ao encontro deles em diversos lugares onde se encontram.

4. Infelizmente, sabemos que a sociedade se esquece que também fazem parte desta família humana, onde os laços se devem ir tornando mais estreitos e, particularmente, muito mais construtivos de modo a alterar comportamentos que possam prejudicar o bem comum.

A existência de muitas experiências positivas, marcadas pela integração na sociedade, sem perder uma cultura peculiar e multisecular, estão a dizer que a Igreja não pode deter-se perante as inevitáveis dificuldades e diante de tantos fracassos de iniciativas já realizadas. A fé, ao longo da história, soube acolher todas as diferenças. Hoje precisamos de ter os sentimentos dum Deus que vê no fundo dos corações e que acredita em todos os homens, para edificar uma casa comum no respeito pelas diferenças. Não basta hostilizar ou ignorar!

Como tal, a caridade autêntica é capaz de sarar todas as feridas.³ O tempo não conta! Os comportamentos evangélicos demoram e exigem persistência. É “lançar o grão de trigo à terra e esperar pacientemente que ela morra, para depois crescer vigorosamente. Portanto, se o Estado oferece esporadicamente condições habitacionais, nós oferecemos permanentemente um sentido, um projecto de vida e uma prova de amor! E se o Estado olha para a obra, nós olhamos para as pessoas!

³ cf. Bento XVI, *Deus caritas est*, 20.

5. Para terminar, deixemos então que a Cruz de Cristo eduque o nosso olhar para a ontologia do diferente, pois nele se revela também a presença salvífica de Deus. É o que se constata na segunda leitura da Carta aos Hebreus: “Apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento e (...) tornou-se para todos os que lhe obedecem causa de salvação eterna”.

Que a Senhora de Fátima, que olhou para a humildade e fragilidade dos três pastorinhos, nos inspire também a olhar com caridade para as nossas fragilidades, de modo a que os irmãos de etnia cigana sejam sempre vistos “quando passarem pelo meio da multidão”.

† Jorge Ortiga, A.P.

Santuário de Fátima, 24 de Março de 2012